Uma imagem contendo interior, pessoa, sentado, homem

Descrição gerada automaticamente

Atentemo-nos à ilusão dos bens materiais.

**Décimo oitavo domingo do Tempo Comum**

**4.8.2019**

Irmãs e irmãos amados, que a paz do Senhor esteja com todas e todos vocês!

Neste ano litúrgico, somos presenteados no décimo oitavo domingo do Tempo Comum com o trecho evangélico narrado por Lucas, dando continuidade à catequese de Jesus, ao longo da caminhada para Jerusalém, na qual somos chamados para atentarmos sobre a efemeridade dos bens materiais e, em especial, a respeito da ilusão que nos invade quando nos colocamos de forma gananciosa diante das coisas deste mundo. Esquecemos que tudo passa, que tudo neste mundo é ilusório, e nos apegamos às coisas e as desejamos de tal forma como se elas, de fato, estivessem sob nosso domínio e se tivessem a capacidade de gerar em nós a verdadeira felicidade.

Assim, convidamos vocês a juntos lermos a passagem bíblica de hoje e refletirmos a respeito, contextualizando-a em nosso cotidiano.

13Disse-lhe então alguém do meio do povo: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança.” 14Jesus respondeu-lhe: “Meu amigo, quem me constituiu juiz ou árbitro entre vós?” 15E disse então ao povo: “Guardai-vos escrupulosamente de toda a avareza, porque a vida de um homem, ainda que ele esteja na abundância, não depende de suas riquezas”. 16E propôs-lhe esta parábola: “Havia um homem rico cujos campos produziam muito. 17E ele refletia consigo: Que farei? Porque não tenho onde recolher a minha colheita. 18Disse então ele: Farei o seguinte: derrubarei os meus celeiros e construirei maiores; neles recolherei toda a minha colheita e os meus bens. 19E direi à minha alma: ó minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e regala-te. 20Deus, porém, lhe disse: Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajuntaste de quem serão? 21Assim acontece ao homem que entesoura para si mesmo e não é rico para Deus”. (Lc 12,13-21)

Continuemos, amados irmãos e irmãs, ouvindo atentamente os ensinamentos proferidos por Jesus em sua caminhada para Jerusalém que, para tanto, neste ano litúrgico, utilizados o Evangelho São Lucas. Ao longo do seu deslocamento em direção ao glorioso desfecho de sua passagem neste mundo com suas duas naturezas – a humana e a divina –, Ele prepara os discípulos que o ladeavam, assim como todos nós que optamos por segui-Lo, com uma rica catequese, possibilitando a evolução espiritual de todos que, atentamente, ouvem sua Palavra e a transformam em prática cotidiana, com vistas a contínua construção do Reino de Deus no aqui e agora.

Nas duas últimas semanas, Jesus nos chama a tenção para a importância de ouvirmos sua Palavra e que as ações, que se revestem de fundamental importância, devem ser norteadas pela Verdade divina e não praticadas a esmo. Fomos, também, presenteados por Jesus com a Oração do Senhor, a qual deve ser muito mais sentida do que repetida, servindo como instrumento de relacionamento entre nós e o Pai, assim como norteadora de nossas ações no dia-a-dia, pois, ao emergir de nossa essência divina e não de nossa limitada razão humana, transforma-se em um verdadeiro pacto com o Altíssimo, indicando a forma de vida que estamos assumindo.

Neste domingo, ao ser solicitado por alguém da multidão ouvinte para interceder em uma contenda entre irmãos sobre a herança devida, Jesus chama a nossa atenção para a frequente ilusão que temos diante das cosias materiais, para a ganância e o apego com tudo que é passageiro, enfim, para que nos atentemos à nossa atitude em fase aos bens deste mundo. Sabe-se que as questões relacionadas à partilha de bens no tempo de Jesus, quando havia alguma discussão ou questionamento entre os irmãos sobre a herança, os doutores da lei eram frequentemente chamados para participarem como juízes, situações similares desta que tentaram envolver Jesus. Porém, Ele não só evita participar de tal contenda, como lança o grande questionamento sobre a cobiça, a avareza e o apego aos bens materiais, destacando que “*a vida de um homem, ainda que ele esteja na abundância, não depende de suas riquezas*” (15), o que não quer dizer que as pessoas devam dispensar completamente cuidados aos problemas e às soluções relacionadas aos bens temporais.

Entretanto, percebamos que tudo é transitório. Lembremo-nos de que tudo é impermanente, uma dos importantes princípios destacado com muita veemência pelos budistas, que tem o mesmo significado da lição de hoje apresentada por Cristo Jesus. Cabe, então, o questionamento: quem é, de fato, o deus que dirige a nossa vida? Quem, ou o que, assume a real centralidade ao longo de nossa permanência neste mundo? Será que já nos atentamos para a finitude de nossa existência temporal humana, a qual pode ser encerrada a qualquer momento, e o que levaremos, o que nos acompanhará ao partirmos? Que valor terá para nós os bens acumulados e, muitas vezes, tão desejados, após deixarmos esta vida?

Ocorre que, no Evangelho de hoje, Jesus anuncia, por meio da “parábola do rico insensato”, a completa falência de uma vida voltada prioritariamente aos bens materiais. Quanta ilusão daquele que assim procede, pois acaba se esquecendo do que, verdadeiramente, dá razão e sentido à sua existência.

Não há dúvida que nossa limitação e nossa fragilidade humanas levam-nos por caminhos tortuosos e equivocados, ao longo de nossa passagem por este mundo, criando em nós, tão frequentemente, ilusões a respeito das cosias materiais. Acabamos, muitas vezes sem perceber, atraídos por bens e prazeres mundanos, de tal forma que nos flagramos gananciosos, acumulando bens de forma desnecessária e a eles nos apegando. Comumente, tal atitude leva-nos a esquecer das pessoas que nada têm, de todo um enorme contingente de famintos e miseráveis que clamam por um pão apenas para seu sustento diário. Iludimo-nos tanto com a riqueza material e com os encantamentos dos prazeres que passamos a considerá-los como fundamentais em nossa vida, vendo-os como imprescindíveis para a nossa existência e absolutamente necessários para a nossa felicidade. Tantas vezes sentimo-nos realizados com conquistas de coisas e de efêmeros poderes, mesmo sendo absolutamente desprovidos da razão verdadeira de nossa existência. De que vale tudo isso, que tão ilusoriamente nos envolve e nos faz sentir empoderados neste mundo, após o fim desta vida que poderá ocorrer a qualquer momento? Nada levaremos conosco, sequer o nosso próprio corpo físico nos pertence, pois ele apodrecerá e servirá de alimento para outros seres, desaparecendo em pouco tempo.

Reflitamos: Estamos cuidando, de fato, do que é perene em nossa vida, dedicando-nos àquilo que tem verdadeiro valor para a nossa caminhada, ou estamos nos envolvendo com emaranhados ilusórios, apegando-nos ao que é absolutamente frágil e passageiro neste mundo?

Cabe o questionamento, porém, de algumas reflexões que se dizem mais espiritualizadas e frequentemente condenam, de forma impetuosa, às posses que temos ou desejamos ter neste mundo, como se elas, obrigatoriamente, fossem obstáculos para nossa evolução espiritual. Pois bem, vamos pensar juntos a respeito, partindo da importante mas, normalmente, relegada diferença entre o desejo e o apego, entre o ter algo e o deixar-se possuir por este algo.

Permitam-me, mais uma vez, buscar nas filosofias orientais uma interessante e esclarecedora explicação sobre a diferença entre o desejo e o apego. Vejam, todos nós desejamos algo constantemente: o desejo por um determinado alimento, o desejo para assistir um filme, o desejo por ler um livro indicado, o desejo por fazer uma viagem a um local sonhado, o desejo pelo encontro com a pessoa amada, enfim, o desejo por algo, alguém ou alguma situação que, no momento, ainda não se obteve ou não foi atingido. Porém, tal ausência, temporária ou definitiva, não deve gerar em nós nenhum tipo de sofrimento, sensação de esvaziamento, ou de restrição. A condição do mero desejo difere, sobremaneira, do conhecido e perigoso apego que é, de fato, a busca pelo aprisionamento do objeto do desejo, ou seja, um verdadeiro sentimento de posse, como se pudéssemos garantir que a pessoa, o objeto ou a situação pudessem nos pertencer pelo tempo que desejássemos. Inquestionavelmente, eis a razão de grande e frequente sofrimento.

Não estamos falando de algo que emerge e assola a humanidade na modernidade ou na contemporaneidade. Paulo já repetia o provérbio corrente na literatura profana da época escrevendo à Timóteo: “*Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos*” (Tm 6,10).

Tenhamos cuidado, porém, para que, na tentativa de se buscar a apropriada religiosidade, não nos inebriemos com discursos “espiritualistas” de abandono do corpo e do bem-estar temporal. Não podemos nos esquecer que a verdadeira espiritualidade não defende a dualidade entre o corpo e o espírito, mas sim advoga a plena, permanente e completa atenção ao ser, em todos os momentos da vida, envolvendo a saúde física e espiritual. Com isso, a sanidade espiritual sustenta a prática religiosa desprovida de qualquer condenação aos valores humanos, mas exorta que tais valores jamais passem a ser o centro ou a razão da existência da pessoa.

Tenhamos a clareza que Jesus, na passagem de hoje, afirma, mais uma vez, que a felicidade da humanidade não se sustenta no muito a possuir, tampouco no aparente poder de dominação. Ocorre que, além da pouca importância no muito, há a extrema importância no compartilhar, tanto de bens materiais como da Verdade eterna. Assim, para sermos verdadeiramente felizes, somos chamados à partilha de nossas riquezas, materiais ou espirituais, qualquer que seja seu montante, para que, como nos disse Jesus, possamos ser ricos diante de Deus.

Um fraterno abraço e fiquem com o amor de Deus,

Rev. Frei João Milton.